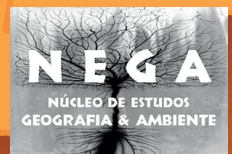


VOLUME 2
Epistemologias
quilombolas



ATLAS DA PRESENÇA QUILOMBOLA EM PORTO ALEGRE/RS

Cláudia Luísa Zeferino Pires
Lara Machado Bitencourt
organizadoras



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Carlos André Bulhões Mendes, *Reitor*

Patricia Pranke, *Vice-reitora*

Júlio Otávio Jardim Barcellos

Pró-Reitor de Pós-Graduação e

de Coordenação Acadêmica (PROPG)

José Antonio Poli de Figueiredo,

Pró-Reitor de Pesquisa (PROPESQ)

Adelina Mezzari,

Pró-Reitora de Extensão (PROEXT)

José Antônio dos Santos,

Diretor do Departamento de Educação

e Desenvolvimento Social (DEDS)

Alan Alves Brito,

Coordenador do Núcleo de Estudos

Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos (NEABI)

Luis Carlos Espindula,

Diretor da Gráfica da UFRGS

Instituto de Geociências

Nelson Luiz Sambaqui Grüber, *Diretor*

Paulo Roberto Rodrigues Soares,

Coordenador do Programa de Pós-Graduação

em Geografia (POSGEA)

Marcelo Argenta Câmara,

Chefe do Departamento de Geografia

Cláudia Luísa Zeferino Pires,

Coordenadora do Núcleo de Estudos de

Geografia & Ambiente (NEGA)

Fomento

CAPES/POSGEA

CNPq

PROEXT/UFRGS

NEABI/UFRGS

Parcerias

Frente Quilombola RS

Instituto de Assessoria às Comunidades

Remanescentes de Quilombos

Akkani - Instituto de Pesquisa e Assessoria em

Direitos Humanos, Gênero, Raça e Etnias

 atlasquilombosportoalegre@gmail.br | www.ufrgs.br/nega



POSGEA



**ATLAS DA
PRESENÇA QUILOMBOLA
EM PORTO ALEGRE/RS**

Volume 2

**Epistemologias
quilombolas**

**Cláudia Luísa Zeferino Pires
Lara Machado Bitencourt
organizadoras**



CONHECIMENTO E JUSTIÇA: QUEM FAZ O CONHECIMENTO?

Nelson Rego

Instituto de Geociências – UFRGS

Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre/RS não é apenas uma obra sobre quilombolas: é uma obra com **autorias** textuais e cartográficas também quilombolas. Aí se encontra o cerne a partir do qual identifico diferentes áreas de encontros e trocas presentes no Atlas. É melhor, antes, mencionar o cenário ao fundo.

Este cenário: quem transitar pelas ruas de Porto Alegre, incluindo no trajeto os bairros que não costumam constar nos cartões postais, verá que a população da cidade é em grande parte composta por pessoas negras, porém, se caminhar nos campus das universidades porto-alegrenses, verificará que a porcentagem de juventude negra entre os estudantes é acentuadamente menor do que em comparação ao conjunto urbano, e descerá próxima ao zero se observar não os estudantes, mas os professores e diretores. O funil se repete em todas as cidades brasileiras que abrigam instituições de ensino superior, mesmo nas regiões de população majoritariamente negra – e, diga-se, o percentual dessa população não é pequeno mesmo na Região Sul, que leva a imagem de ser branca muito mais por afastar o negro de seus cartões postais e congêneres do que por, de fato, ser assim branca como os clichês querem fazer acreditar. O funil que assola os afrodescendentes castiga também os indígenas e descendentes de indígenas em vastas porções do território brasileiro.

Qual conhecimento crítico acerca desse funil pôde ser historicamente produzido se, até hoje, os maiores interessados em romper com a desigualdade são mantidos à margem das instâncias produtoras de conhecimento? Conhecimentos foram produzidos, sim, mas apenas pelas bordas: ou por alguns brancos que se construíram efetivamente solidários, ou por raros negros que, lutando contra todos os obstáculos, ascenderam às tais instâncias, ou produzidos fora da academia e, neste caso, conhecimentos que permaneceram ignorados pelo olhar que pretende ditar o que deve ser visível. A “invisibilidade” dos sem-privilégios é condição necessária para a reprodução da desigualdade.



Indicado o cenário, retorno ao Atlas de escritas e cartografias realizadas também por autoras negras e autores negros que se empenham, com suas práticas, em quebrar a “invisibilidade” produzida à vista de todos através de muito tempo. Essa visibilidade não lhes foi “doada” pelo Atlas. É por que lutam sistematicamente por educação, trabalho, território, moradia, cidade, cidadania que autoras e autores aqui presentes forçam a “invisibilidade” forjada a ir se rendendo aos avanços e multiplicação dos protagonismos – por isso, estão reunidos neste Atlas de lutas e de encontros multiétnicos.

Uma primeira área de encontros e trocas é justamente essa constituída por lugares de fala e lugares de escuta. Autoras e autores negros, entre os quais, quilombolas, exercem seus lugares de fala nesta obra publicada e chancelada pela academia. Há, pois, afirmação de lugar de fala que, ao invés de limitado à condição de objeto de análise feita por outros, vem falar de si por meio de sua própria voz. Qual a dimensão dessa ruptura afirmativa? O tempo trará a resposta, dirá em que medida a atitude rara veiculada pela obra de agora se tornará mais frequente na produção acadêmica de conhecimentos e sobre os efeitos sociais desse conhecimento. A superação da desigualdade é indissociável do fortalecimento do lugar de fala dos que foram empurrados para o silêncio, esse fortalecimento é condição necessária para a mudança. Mas o que será do lugar de fala se não houver escuta atenta pelo outro, escuta que responde e se constitui em nova fala? O que será dos caminhos que o lugar de fala tenta abrir se não houver a resposta do diálogo? Autoras e autores negros, brancos, multiétnicos estão em diálogo nestes textos e mapas e isso conduz a leitura a outra área de trocas.

Essa outra área é a dos encontros entre os saberes da academia e os saberes populares. Como conceituar saberes? Aqui, novamente é preciso duvidar dos clichês que reduzem os saberes populares a crenças e superstições. Se os saberes incluem a capacidade de dar sentido – e rumo – ao emaranhado da acelerada multiplicação de estímulos informativos e contraditórios que dominam o cotidiano, então, é condição necessária para superar o funil perverso do contexto histórico-social elaborar perguntas e respostas: saber o quê, saber o porquê, saber como, saber para quê, saber para quem.

Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre/RS demonstra que saber produzido na academia e saber popular estão a estabelecer conversações, trocas. Ganham ambos. Transformam-se. O saber popular avança ao conquistar conceitos que antes lhe faziam falta para melhor lutar e, portanto, para melhor viver. O saber produzido na academia cresce no conhecimento do empírico, em aquisição de experiência vivida e em finalidade, a finalidade é um poderoso guia para levar a teorização fútil ao estatuto de teorização práxica. Esse caminho de mão dupla – do popular em direção ao acadêmico, do acadêmico em direção ao



vívido e vívido – pode ser lido nas páginas deste Atlas que não é obra terminada, é obra em processo.

Passado e presente também se encontram. Do passado, vêm tanto a diáspora e a desigualdade, a serem superadas, quanto a história e a cultura, a serem resgatadas, valorizadas. O presente costura a superação com o resgate. Para a ação do presente, são necessários encontros entre lugares de fala e lugares de escuta, saberes da academia e saberes de resiliência do povo negro.

Há outro encontro especial. O encontro de tudo na geografia. Das intenções até as coisas e, na seta inversa, da disposição material do mundo aos condicionamentos das mentes – nas intenções aprisionadas a condicionamentos, nas intenções que rompem aprisionamentos, estão juntos no espaço geográfico: o minério extraído da natureza perfurada em minas, o café colhido na natureza mudada em plantação, as fábricas, as sacas e os portos, os donos de tudo, o exército e a polícia, o clero e a promessa de outro mundo para as almas, almas a criar canções sobre si, natureza, campo e cidade, os casebres onde habitam (ex) escravizados que põem fábricas, lavouras e construção civil em movimento e agora afirmam seu um pedaço de terra ainda com árvores à beira da cordilheira dos edifícios, para ali, na terra, conservarem a existência quilombola, para, a partir dali, transformarem a vida quilombola. Isso tudo está junto na geografia-espaço. E vai sendo ligado em conceitos e números pela geografia-conhecimento do espaço construído. A geografia-conhecimento é imprescindível para construir justiça no espaço geográfico.

Há muitos outros encontros. Boa leitura.